



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Estudos Decoloniais

Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 815-825, ago./dez. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>

DOI: 10.30681/2236-3165

DESCOLONIZAR NA CONTEMPORANEIDADE: construindo um ambiente sustentável

DECOLONIZING IN CONTEMPORARY: building a sustainable environment

Renato Alves Vieira de Meloⁱ

RESUMO

Temos como propósito neste trabalho evidenciar a construção de um conhecimento sustentável na busca de se verificar os desafios epistemológicos com uma abordagem decolonial, e contribui para esse conhecimento. Oportuno enfatizar, que o mundo atual esta indo para o abismo, e as mazelas da colonialidade, deve ser orientada para a resolução de problemas concretos da descolonização, ou seja, devemos ter uma superação do processo colonial, através de um enfoque do pensamento decolonial. Verifica-se que as sociedades exploradas para evoluir necessitam subsistir socialmente, visando superar o colonialismo e suas relações, o que caracteriza o objetivo para encontrar as possibilidades e os meios para alterar a maneira de convivência, romper com o decolonial e a opressão que há causado. Desse modo, a partir de um estudo bibliográfico, descritivo qualitativo, aportado por um contexto interdisciplinar, se evidencia um saber decolonial na contemporaneidade, mas não somente tendo como característica a sua conceituação, mas a possibilidade de entendimento e compreensão através da sustentabilidade como fonte de estudo para conseguir as transformações para os dias atuais, tendo em conta, o desenvolvimento e o bem-estar dentro de um enfoque decolonial.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Enfoque Decolonial. Desenvolvimento e bem-estar.

ABSTRACT

Our purpose in this work is to highlight the construction of sustainable knowledge in the search to verify the epistemological challenges and how the decolonial approach will contribute in this context, and at the same time, how decolonization contributes to this knowledge. It is worth emphasizing that the current world is going to the abyss, and the ills of coloniality must be oriented towards the resolution of concrete problems of decolonization, that is, we must have an overcoming of the colonial process, through an approach of decolonial thinking. It is verified that the exploited societies to evolve need to subsist socially, aiming to overcome colonialism and its relations, which characterizes the objective to find the possibilities and the means to change the way of coexistence, break with the decolonial and the oppression it has caused. Thus, from a bibliographic, descriptive qualitative studies, provided by an interdisciplinary context, a decolonial knowledge in contemporaneity is evidenced, but not only having its conceptualization as a characteristic, but the

possibility of understanding and understanding through sustainability as a source of study to achieve them transformations for the present day, taking into account development and well-being within a decolonial approach.

Keywords: Sustainability. Decolonial approach. Development and well-being.

1 INTRODUÇÃO

O desequilíbrio do Planeta ocasionado pelos seres humanos desde do século XVI, ficou demonstrado que a partir de um estudo realizado pela University College London, Inglaterra, se evidenciou que a origem da colonização europeia nas Américas, denominada de eurocentrismo, manteve, o mesmo perfil cultural da colonialidade, deste modo, persiste o desequilíbrio, e se verifica, a desvalorização do meio ambiente através da exploração pelo homem. A busca de um ambiente saudável tem como objetivo um ambiente sustentável, no entanto, os problemas do período da colonização persistem sem muita alteração, evidenciado pelo desequilíbrio terrestre atual, tendo como fatores predominantes a poluição pelos gases, o aquecimento global e a deterioração do meio ambiente.

Devemos entender que o eurocentrismo deve ser afastado, onde a imposição na produção de conhecimentos no Brasil é contínua até os dias atuais, onde podemos encontrá-lo na realidade dos fatores econômicos, deixando rastros de poder e nos modos de ser, saber e pensar, em que o ser humano tem que compartilhar um ambiente que te leve a viver socialmente e a desenvolver-se de maneira equilibrada, tendo como base uma perspectiva decolonial.

Dadas estas características, com um enfoque multidimensional e decolonial, tem-se que o atual discurso encontra certos limites, deixando de fora aspectos essenciais ao tratar a sustentabilidade sob diversas peculiaridades na construção de um conhecimento sustentável na busca dos desafios epistemológicos a partir de uma abordagem decolonial e contribui para esse contexto.

A partir de um estudo bibliográfico, ressaltando o aporte interdisciplinar, se buscou o saber decolonial, não somente o seu conceito, mas um estudo crítico com uma aproximação de conhecimentos integrados com a sustentabilidade.

2 PARADIGMAS PÓS-MODERNO

As potencialidades do mundo moderno demonstram o envolvimento do indivíduo com um ambiente coletivo, com limites impostos pelo próprio ambiente. Devemos questionar a nossa aprendizagem com os seus erros, vivenciando sua história no tocante ao desenvolvimento científico, em especial, aquilo se pretende compreender.

Temos então, que verificar o esforço para superar os obstáculos impostos pelo homem (MENDES, 2008, p. 51). Não somente em ações de integração, mas de uma transformação, de interpretar seu objeto, reconhecendo uma coexistência sadia, e dessa maneira, temos na cultura uma ampla base na formação do ser humano, com intuito, de entender suas características, seu modo de viver e aperfeiçoamento (ABBBAGNANO, 1970, p. 209).

Logo, a maneira de viver, como também, seus produtos e aprendizagem são componentes da cultura. Deste modo, os homens, por sua vez, não deixam de ser um produto cultural do homem. A palavra cultura permite uma interpretação a fim de facilitar o entendimento do ser humano que vive de diversas maneiras e possibilidades, assim, a palavra cultura entrou em nosso vocabulário dois séculos atrás como portadora de um significado totalmente oposto, como antônimo de natureza, denotando as características humanas em clara oposição aos fatos da natureza, como são os produtos, resíduos e o que envolve as escolhas dos seres humanos, feitas pelo homem, que teoricamente podem ser por ele desfeitas (BAUMAN, 2005, p. 67).

Dito isto, o presente trabalho se posiciona, com o conceito de cultura trazido por Bosi (1992), sendo um conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.

Para Santos (2002), mesmo não falando a mesma língua todos os dias, somos capazes de nos comunicar com determinados valores e limites, onde os seus objetivos e o que se realiza, e será mais adequado quando concebido numa relação eu/tu (a relação hermenêutica) do que numa relação eu/coisa (relação epistemológica) e que, nessa medida, o importante é transformar como parceiro da transformação do mundo (SANTOS, 2002, p. 11).

3 O SURGIMENTO DO CONCEITO DE NATUREZA NO PERÍODO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Conforme Durand (2002), a relação entre o ambiente e a cultura evidencia uma nova perspectiva, e foi a partir da Revolução Industrial, quando iniciou o desastre ambiental pelo ser humano. A partir daí, o homem ocidental foi construindo sua cultura, com a integração do trabalho e da natureza, e nesse momento, a natureza era um mundo físico, tornando-se uma fonte de recurso natural.

Essa concepção de natureza estabeleceu a relação do homem com a natureza com a idéia e uso do trabalho para viver, na conceituação de Marx, e começou a se transformar em trabalho escravizado e depois assalariado.

Assim, encontramos para além da história da Europa e suas colônias, no mundo islâmico e na China. Todos esses casos ao redor do mundo tinham dois aspectos em comum, um de trabalho, necessário para se viver e não era subjugado, que transformava o trabalho vivo em escravidão e assalariado em um processo de criar uma economia de acumulação, que é hoje reconhecida como mentalidade econômica capitalista.

Antes disso, viver era a precondição necessária para trabalhar. Essa transformação resultou em um extensivo comércio escravo, que transformou a vida humana em mercadoria, para o dono da plantação, da mina e, mais tarde, da indústria. O próximo passo foi a Revolução Industrial, que alterou o significado de “natureza”, se referindo “recursos naturais”, que era necessário para nutrir as máquinas da Revolução Industrial que produziam outras máquinas, que, por sua vez, precisavam de mais alimento, carvão e óleo.

A catástrofe ambiental começou nesse momento. Enquanto a regeneração da vida antes da Revolução Industrial ainda sustentava uma relação amigável entre o aculturado homem ocidental e a integração do trabalho e da natureza sobre a qual ele construía a sua cultura, deste modo, a distância aumentou após a Revolução Industrial e todas as outras civilizações foram cada vez mais relegadas, nos olhos do homem ocidental, e a transformação em recursos naturais, enquanto a natureza de maneira física e concreta, nomeia o mundo físico e não humano, ou seja, um Novo Mundo que era a base para o cultivo de açúcar, tabaco, algodão etc. Nesse momento, a natureza se tornou um material objetivo para a realização das metas econômicas.

O legado dessa transformação permanece nos dias atuais, que é a presunção de que o meio ambiente ou natureza é o fornecedor de recursos naturais para a sobrevivência diária. Onde observamos que o conceito de natureza se tornou um conceito que estabeleceu a relação do homem com a natureza, ou seja, trabalhar para viver ou o trabalho vivo, na conceituação de Marx que começou a se transformar em trabalho escravizado e depois assalariado.

4 A SUSTENTABILIDADE

A preocupação mundial com a pobreza e a qualidade de vida, bem como a vinculação entre ambos os contextos, tornou-se crescente a partir da década de 1960, quando começaram a ocorrer mais intensamente debates sobre o tipo de desenvolvimento capaz de dar respostas concretas aos problemas existentes, e com base no relatório de Brundtland, vários autores argumentam (Hoff, 2008, Jacobi, 2005, Munck, 2013), que garantir a sustentabilidade permite uma vida com novas bases éticas, e Redcliff (2006) enfatiza que discursar sobre desenvolvimento e sustentabilidade com base no relatório de Brundtland harmoniza os conceitos e considera que a integração permite um outro modelo de desenvolvimento que promove a sustentabilidade (MUNCK, 2013, p. 3). Utilizando a decolonidade, se considera que os problemas ambientais do mundo atual são globais, e devem ser entendidos e ser solidários entre colonizadores e colonizados, e que Sachs (2000) afirma que os princípios da sustentabilidade devem ser compatíveis para melhoria dos níveis de qualidade de vida juntamente a com a preservação ambiental, assim, podemos considerar que o esgotamento dos recursos naturais é o enfrentamento das mazelas sociais.

5 A ABORDAGENS DECOLONIAL

Igualmente, há a idéia do pensamento fronteiro como afirma Mignolo (2003), resiste a cinco ideologias da modernidade: o cristianismo, o liberalismo, o marxismo, o conservadorismo e o colonialismo. Não se trata de ignorar todo avanço teórico, especialmente o das contribuições históricas e sociológicas do marxismo, mas de uma consolidação de um campo do saber que vai além de Marx.

A pretensão é que as idéias do marxismo sejam no mínimo para a reconstrução do saber científico e que ao lado dela outras se juntem, tendo uma relação com as questões abordadas, temos assim, na educação, de modo geral, um modo particular, para o processo de construção do conhecimento. Quijano (2005) faz um resgate da importância da América, especialmente da América Latina, na constituição do atual sistema-mundo.

Assim, destaca que a globalização vigente inicia-se com a exploração da América no século XVI, o que levou esse continente ter uma identidade promissora na modernidade, antes mesmo da Europa. A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história antes da América. Sua aplicação levou a produção, nesse continente, de novas identidades sociais históricas, como o índio, o negro e o mestiço, na medida em que as relações sociais que estavam se configurando eram relações de dominação. O que surge, a partir daí, é um sistema hierárquico de lugares e papéis sociais, no qual o europeu se naturalizou como raça superior, ao se denominar “branco”.

Como resultado desse processo tem a constituição da Europa uma nova identidade, posterior e relacionada à dominação da América, e à expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo. Isso favoreceu a elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela a elaboração da noção de raça como naturalização dessas relações coloniais de poder entre europeus e não-europeus.

Trata-se de reconhecer a privilegiada posição global, que a Europa ganhou com o controle da América e de suas fartas riquezas naturais e minerais. Essa vantagem impulsionou os europeus ao controle do comércio mundial, ultrapassando, inclusive, as potências orientais. Contudo, deve-se especificar que não se trata da Europa em sua totalidade, mas dos países conhecidos como Europa ocidental, sede do controle do mercado mundial. Assim, pode-se dizer que a partir da América um novo espaço/tempo se constitui materialmente.

O modelo civilizatório ocidental é invocado como a principal causa de uma atual crise global do clima, da alimentação e da pobreza. Dessa forma, Escobar (2014) defende uma postura crítica ao “*desarrollo*”, elenca as contribuições do Grupo Modernidade/Colonialidade, e destaca a contribuição de ouvir outras vozes para a construção de um novo modelo civilizatório, como é o caso dos povos indígenas e os seus conceitos de Bem Viver, o comunitário, e o Direito da Natureza.

Entre algumas inovações que Escobar (2014) propõe para a reinvenção do nosso modelo civilizatório, encontra-se o Estado plurinacional, a sociedade intercultural, as inovações multiculturais e o fortalecimento das redes agroecológicas. Trata-se de alternativas que tendem a ser anticapitalistas, que afirmam a vida em todas as dimensões e exploradas em múltiplas concepções de nação, natureza, economias, de tempo e de cidadania. Alternativas essas que levam em conta as cosmovisões e práticas de comunidades indígenas, afro e campesinas, das mulheres com as possibilidades de contribuir com as bases de um modelo civilizatório alternativo. Essa nova civilidade parte da despatriarcalização da sociedade e das relações com a natureza como parte da descolonização, libertação e igualdade. Além disso, reconhece o direito dos povos em debater e decidir a respeito de sua identidade, território, soberania alimentar, justiça ambiental, paz, autonomia, bem viver e qualidade de vida. Uma ideia na busca desse novo projeto de sociedade é a de sustentabilidade, não como qualquer concepção, mas como uma versão forte, descolonizadora, libertadora no econômico, no cultural e no social, e que, como resultado final, viabilize alternativas ao desenvolvimento (ESCOBAR, 2014).

Vários estudos têm reforçado a tese de que experiências com outras práticas socioecológicas, que escapam a este foco desenvolvimentista de uma cultura narrativa de colonização e mercantilização da natureza, de economização do mundo e de valores consumistas, contribuem na descolonização da educação ambiental, ao incluir pequenos relatos, outras histórias com pensamentos que fogem à narrativa colonial moderna, pois abrem possibilidades para outras formas de se relacionar com as culturas-naturezas. Baseando-se na linguagem da "descolonização", alguns recentes trabalhos de pesquisa em Educação Ambiental, Tuck, Mckenzie e Mccoy (2014), chamam a atenção para essas questões a necessidade de trabalhos em educação da terra e examinar correntes do pós-colonialismo por meio da educação ambiental e da investigação. Observamos assim, a partir deste texto, um forte movimento que relaciona a Educação Ambiental com a educação da terra e com a educação de base local.

A descolonização do pensamento aqui defendida amplia as possibilidades de linguagens/narrativas na Educação Ambiental com independência em relação as velhas categorias de análise ou das meta-narrativas iluministas universalistas. Segundo Santos (2007, p. 31), "[...] universalismo é toda ideia ou entidade que é válida

independentemente do contexto no qual ocorre, e a educação ambiental é contextualizadora de sua prática educacional”.

A descolonização suscita formas de rever os pressupostos da lógica determinista e de propostas instituídas e oficiais de políticas nacionais e internacionais que nos conduzem, da mesma maneira, a uma educação para o desenvolvimento sustentável, para a preservação e proteção da natureza. As perspectivas do desenvolvimento sustentável, da educação para o desenvolvimento sustentável ou da educação ambiental sustentável podem ser consideradas colonizadoras, quando não suscitam outros possíveis. Essas não são distinções ontológicas que provêm de diferentes regiões do mundo e de pessoas. Essas classificações, de modo geral, são epistêmicas, e quem classifica, controla o conhecimento conforme argumenta Mignolo (2003).

Chamamos a atenção para alguns pontos das políticas de educação de modo geral que têm adotado um pragmatismo com destaque para a forte vinculação com o lugar em suas pedagogias, fundamental, também, para o colonialismo, é a importância de reconhecer a dinâmica do colonialismo, que envolve aprender sobre, com e na terra e todos os seus habitantes.

Para Calderon (2014), que discorre sobre a Educação da Terra, defende que essa modalidade deve envolver: a análise da territorialidade e do colonialismo, a desconstrução das relações de ocupação colonial e a inclusão do colonialismo nos currículos com conceitos de lugar a partir de outras metafísicas como a dos povos indígenas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dadas estas características, com um enfoque multidimensional e decolonial, tem-se que o atual discurso encontra certos limites, deixando de fora aspectos essenciais ao tratar a sustentabilidade sob diversas peculiaridades na construção de um conhecimento sustentável na busca dos desafios epistemológicos a partir de uma abordagem decolonial que contribui para esse contexto.

A decolonialidade ajuda na desconstrução de muitas verdades e nos faz crer que são absolutas, povoando a nossa subjetividade a serviço de um projeto excludente de sociedade.

Assim, apontamentos decoloniais como o papel da América no sistema-mundo, o eurocentrismo, a idéia de raça associada a um projeto de dominação, a constituição do Estado-nação moderno, a crítica ao desenvolvimento e ao modelo civilizatório, a colonialidade do poder, colonialidade do ser, colonialidade do saber, a interculturalidade e a transculturalidade como ferramentas críticas e de transformação, foram consideradas importantes para que repensemos a sua prática, os conhecimentos construídos e os conteúdos trabalhados, favorecendo uma formação voltada à transformação de sentir, pensar e produzir o nosso espaço geográfico.

Como visto, não são poucos os desafios para descolonizar que historicamente, relega uma pequena importância para a educação em matéria de prioridades e investimentos. Estamos longe de um rompimento significativo com essa lógica. Nesse aspecto, procuramos realizar com esse trabalho um esforço de reflexão das contribuições da descolonialidade para retirar os efeitos do processo colonial e propor ações que podem contribuir para um mundo melhor e mais sustentável. E cabe destacar a importância de realizar novas leituras da realidade a partir dos conceitos e do pensamento descolonial aplicados a eles. O resultado dessas proposições deve ser a transformação de sentir- pensar- produzir, uma mudança que leve em conta as diversas vozes, incluindo as historicamente excluídas, que considere outras formas de organização, de identidades, de discussões, imagens, de saberes e experiências.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **História da filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALDERON, Dolores. Speaking back to manifest Destinies: a land education-based approach to critical curriculum inquiry. **Environmental Education Research**, v. 20, n. 1, p. 24-36, Feb. 2014.

DURAND, L. **La relación ambiente-cultura en antropología**: recuento y perspectivas. Nueva Antropología, AC. 2002

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**: novas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

HOFF, D.N. **A construção do desenvolvimento sustentável através das relações entre as organizações e seus stakeholders**: a proposição de uma estrutura analítica. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, 2008.

JACOBI, Pedro. Educar para a sustentabilidade: complexidade, flexibilidade, desafios. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago. 2005.

MENDES, Antônio Celso. **Dimensões Conceituais do Direito**. 2 ed. Curitiba: Champagnat, 2008.

MIGNOLO, W. **Historias locales/disenos globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo Madrid: Akal, 2003.

MUNCK, L. **Gestão da sustentabilidade em contexto organizacional**. São Paulo: Cengage, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 107-130, 2005.

REDCLIFT, Michael. Os Novos Discursos da Sustentabilidade. In: FERNANDES Marcionila; GUERRA Lemuel. (Org) **Contra-Discurso do Desenvolvimento Sustentável**. 2. ed. Belém: UNAMAZ, 2006.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

TUCK, Eve; MCKENZIE, Marcia; MCCOY, Kate. Land education: indigenous, postcolonial, and decolonizing perspectives on place and environmental education. **Environmental Education Research**, v. 20, n. 1, p. 1-23, Feb. 2014.

Recebido em: 31 de julho de 2022.

Aprovado em: 21 de novembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6442/7339>

Doutor em Ciências Sociais pela USAL-ESPANHA COM ESPECIALIZAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL E CULTURA SUSTENTAVEL Membro da Junta Diretiva da *Asociación de Alumnos Brasileños de la Universidad de Salamanca (ABS-USAL)*.

Curriculum Lattes <http://lattes.cnpq.br/9275213965331002>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4457-8934>

E-mail: auditorrenato@gmail.com